



LIVRARIA • ENCADEINACAO

"LEART"

R. A. F. M. O. G. A. E.

Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

LEART

LIVRARIA E  
ENCADERNAÇÃO LTOA.

R. PEIXOTO GOMIDE, 1797  
TELEFONE 80-7826  
SÃO PAULO



*Ao querido amigo Max Fleiss  
 affectuosa lembrança, B*

**BASILIO DE MAGALHÃES**

---

---

*Basilio.*

*18356*

*Rio, XI - 816.*

## **O GRANDE DOENTE**

DA

# **AMERICA DO SUL**

*Conferencia realizada na Associação  
 Christã de Moços e na Bibliotheca Nacional,  
 a 6 e 13 de novembro de 1915.*



\* \* RIO DE JANEIRO  
 IMPRENSA NACIONAL \* 1916

## DO MESMO AUTOR :

1895. — **Lições de Historia do Brasil** ( obra approvada pelo governo do Estado de S. Paulo ).
1896. — **A revolução de Pernambuco em 1824** ( these de concurso á cadeira de Historia do Brasil do Gymnasio do Estado de S. Paulo ).
1898. — **Lições de Geographia Geral** ( obra approvada pelo governo do Estado de S. Paulo ).
1899. — **Iris** ( versos ).
1910. — **Pela Republica civil** ( discursos ).
1910. — **A monarchia portuguesa** ( conferencia ).
1913. — **Tratamento e educação das creanças anormaes de intelligencia.**
1913. — **O Estado de S. Paulo e o seu progresso na actualidade.**
1915. — **Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII** ( memoria apresentada ao Primeiro Congresso de Historia Nacional ).
1916. — **A “Circular” de Theophilo Ottoni** ( reproducção do opusculo editado em 1860 e 1861, precedida de uma summaria apreciação da vida e feitos do benemerito patriota ).



*Ao espargir no sólo, regado pelo seu suor, um punhado de sementes, bem sabe o lavrador que nem todas brotarão, ou porque em algumas dellas se ache extincta a capacidade germinativa, ou porque, rompendo em lucta umas com as outras, pelo espaço, pela seiva, pelo ar e pela luz, poucas sejam as sobrevivias, nesse processo da lei fatal de selecção, que tanto rege os elementos biológicos quanto os seres e conglomerados sociaes.*

*— Não outro será o destino do punhado de idéias que ousou lançar ao regaço da minha terra, desta Pátria estremecida, que ora atravessa uma das mais amargas crises da sua existência quatriseccular.*

*Basilio de Magalhães.*

*Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1916.*







## I

### Diagnostico e prognostico

Nos tempos em que um largo sopro de heroicidade agitava os povos e revibrava no céu perennemente azul da Hellade formosa, quer quando, em luctas fratricidas, jonios, espartanos e dorios se disputavam a posse daquelle sólo aprazivel e feraz, quer quando, irmanados para a defesa commum, tiveram de embater-se contra as hostes barbaras, compactas e avassalladoras, irrompidas do planalto do Iran, — formidavel primeiro encontro da civilização européa com a civilização do oriente, — era imprescindivel á victoria o concurso affectivo e patriotico das mulheres que conversavam os deuses e dos homens que conversavam as musas.

Consultavam-se os oraculos e ouviam-se os aédos. Não bastavam os augurios propicios, jorrados mysticamente dos labios tremulos das pythonisas, nos adytos sagrados de Delphos. Era tambem preciso que os vates hellenos, entoando hymnos marciaes, accendessem o mais palpitante enthusiasmo na alma joven dos hoplitas e lhes guiassem a cadencia viril dos passos aos accórdes das lyras sonoras.

No Brasil, onde os bardos de éstro mais inflam-  
mado e fecundo sempre hauriram nas Castalias e Hip-  
pocrenes nataes os motivos de suas canções alegres e  
de suas melopéas, traduzindo e perpetuando em versos  
lapidares tanto as glorias como os soffrimentos da Pa-  
tria, — agora, que uma dolorosa provação a conturba  
e asphyxia, coube primacialmente a um poeta, ao pro-  
clamado principe dos nossos poetas, o perscrutar-lhe  
as causas da constringente molestia e o prescrever-lhe  
a medicação, por elle julgada efficaz.

Abençoado seja o dilecto das filhas de Mnemósyne,  
cuja voz harmoniosa e magica teve o condão de des-  
pertar do lethargo, em que ha tanto jazia amarasmada,  
a nossa juventude intelligente !

Abençoados sejam os moços, que agora se levantam,  
como legiões, por todos os angulos do país, offerecendo  
as ardidezas do espirito generoso e o transbordante vigor  
dos peitos masculos em prol deste nosso berço estre-  
mecido, de cuja salvação felizmente não descreram  
ainda, nem descrerão jámais !

Si de outras vantagens não se houvesse revestido  
o alarma opportuno que bradou o genial Bilac, — o  
seu optimismo, por si só, era digno dos nossos mais  
calorosos applausos.

Por que razão, como chocalham tantos pessimistas,  
considerarmos irremediavel a presente situação na-  
cional, por peor que ella seja, — si a lição do passado  
nos patenteia que o Brasil sempre se distinguiu por  
um notavel poder de reacção, por uma prodigiosa ca-  
pacidade de recuperação?

\* \* \*

Estamos, com effeito, deante de um enfermo, ao qual, imitando a expressão de illustre compatriocio nosso, eu chamarei — «o grande doente da America do Sul».

Viu-o bem, mas muito á ligeira, o cantor da *Via-lactea*, porque os poetas, em geral, vêem mais por inspiração e se deixam librar facilmente nas asas celeres e altivolos da Phantasia.

Eu vou aprofundar, quanto couber em meu limitado saber prosaico, a analyse do mal, tentando, assim, acertar melhor com o tratamento convinhavel.

Não é difficil o diagnostico.

— Está a nossa Patria passando, agora, pela sua *crise de puberdade*, sobrevinda exactamente quando a Europa entrou na *crise de menopausa*, ambas de ordinario portadoras de graves perturbações psychicas.

O Brasil abusou sempre de suas forças, — qual sóe acontecer commummente aos jovens robustos e destemidos, — e, por infelicidade sua, em vez de guia paternal, que o compellisse á boa razão, teve, ao contrario, notadamente nos ultimos tempos, mentor sinistro, que o arrastou á mais infrene e calamitosa das orgias.

Eil-o, pois, no leito, gemendo lugubrememente os seus desvarios, o nosso querido padecente. O leito, emtanto, por singular contraste, é todo de rosas, como si reinasse em torno plena sazão vernal, e por sob elle scintillam riquezas maravilhosas.

O enfermo está profundamente depauperado. Mas, si lhe auscultarmos a caixa thoracica, verificaremos que é de invejavel robustez o seu organismo e que elle, generalizando-se o que de Minas-Geraes disse certa vez Henri Gorceix, — «traz um coração de ouro num peito de ferro».

Bate-lhe fraco o pulso, pois que o dessangrou exhaustivamente o funesto quatriennio marechalicio, e dessa occasional miseria physiologica é consequencia fatal a adynamia, isto é, o desalento, a preguiça morbida, que uma dupla hereditariedade, ethnica e social, tambem contribue a infiltrar-lhe no ser.

Falta-lhe readquirir o tonus physico e o tonus moral.

Estudemos-lhe, portanto, como determina a sciencia, a historia progressa, e façamos-lhe ao mesmo tempo o exame somatico e o exame psychologico, para que de taes logicas premissas não saia, como falsa illação, um erroneo e nocivo tratamento.

Prognostiquemos-lhe, porém, desde já, sem temor de erro, a cura definitiva, — uma vez que se lhe não protele a applicação dos remedios idoneos, — e esse restabelecimento completo e duradouro será obtido tanto mais rapidamente, quanto mais desvelados, perseverantes e energicos forem os cuidados, os esforços e os meios, prescriptos pelas leis sociologicas, pelos nossos mais vitaes interesses e principalmente pelo amor que votamos á terra dos nossos maiores, a cujas cinzas sagradas se hão de misturar as nossas e as dos nossos filhos.

---



## II

### Exame summario dos factores estaticos e dynamicos

Não é mais possível, desde que o inegalavel pensador de Montpellier fundou a sociologia, conceberem-se os povos como eleitos da Providencia ou constituirem rebanhos de fatalistas. As leis sociologicas, por mais complexas que sejam, tanto se manifestam na prosperidade como nas catastrophes das nações. Assim, portanto, seria tão absurdo o negal-as ou contrarial-as hoje, como seria absurdo o confiar-se a cura de um tuberculoso ás tisanas de charlatães boçaes ou ás rezas de pretensos thaumaturgos.

Não é mais possível, presentemente, ante a victoria insophismavel da doutrina positiva em todos os ramos do saber humano, submetterem-se os mortaes, ungidos de passiva resignação, a todas as calamidades cosmicas e sociaes, convictos de promanarem ellas de algum castigo divino ou do capricho das coleras celestes, e permanecerem de braços cruzados á espera de uma illusoria bem-aventurança extra-terrena, em vez de conquistarem e firmarem a sua felicidade onde está demonstrado que é ella adquirivel e real.

Não é mais possível, por outro lado, em face dos progressos da sciencia que está no topo da escala encyclopedica, applicarem-se aos males collectivos panacéas quaesquer, reputadas miraculosas, só porque trazem o rotulo de fabricas estrangeiras. Mas, ao contrario, sabendo-se que é principio triumphante e hoje corriqueiro em biologia — não haver doenças e sim doentes, — só a investigação racional das causas do *morbis* e o exame das condições personalissimas do paciente permitem indigitar com segurança os meios adequados ao restabelecimento da euphoria perdida.

Ora, como diversificam os factores estaticos e dynamicos de cada nacionalidade, — vamos proceder ao rapido recenseio dos que dizem respeito á nossa.

a) *O sólo*. — E' o esqueleto da nossa terra tão grande e tão perfeito, que qualquer anthropologo o enquadraria, sem medo de errar, no typo dos maiores e mais esculpturaes gigantes do mundo. Ossatura pujante, articulações magnificas. Não as corroem vulcões, que são o *treponema* de tantos paramos do globo. Circulação liquida prodigiosa, em pleno regimen de plethora. As nossas plagas causaram deslumbramento aos primeiros europeus que as lobrigaram, e todos os que depois as percorreram confirmaram o juizo de serem ellas um éden luxuriante.

Em sua carta de 1º de maio de 1500, dirigida ao rei «Venturoso», affirmava Pero Vaz de Caminha, escriptão que viera na esquadra de Cabral, referindo-se á terra brasileira, ser toda ella «chan e muito formosa... de muito bons ares... em tal maneira é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nella tudo...» Em 1504 exclamava Americo Vespucci, encantado ante as maravilhas da nossa ridente natureza: — «Se nel mondo è

alcun paradiso terrestre, senza dubbio dee esser non molto lontano da questi luoghi!» Denominou Anchieta a nossa Patria de «jardim em frescura e bosques»; e, antes que o autor da *America Portuguesa*, como que repetindo a imagem do piloto florentino, a dissesse «terrenal paraíso descoberto», já o illustre Mauricio de Nassau, no meiado do seculo XVII, em carta a um ministro de Luiz XIV, proclamava o Brasil um «bello país, sem equal debaixo do céu...»

O homem moderno, segundo opina Kropotkine, deve estar aparelhado para «fazer o sólo, desafiar as estações e o clima». Mas, em nossa Patria, a terra é fertilissima, reina uma primavera eterna e predomina a mais saudavel temperatura, tendo bastado alguns poucos esforços de emeritos hygienistas para derriscar dos nossos mappaes sanitarios o terrivel espantallo de molestias dantes julgadas endemicas.

Nunca nos foram adversos o Atlantico immenso e os nossos rios caudalosos, nem ha exemplos de cataclysmas sismicos que houvessem algum dia subvertido ou convulsionado qualquer das nossas cidades.

Das hostilidades que nos apresenta o nosso *habitat*, a unica que urge ser enfrentada e resolvida a todo transe é a secca periodica da zona do nordéste. Essa mesma já estaria desde muito efficaamente jugulada, si os proceres do imperio e os timoneiros da Republica tivessem posto em pratica os sabios conselhos que o douto Beaurepaire-Rohan, citado por Elisée Reclus, ha tantos annos previdentemente emittiu áquelle proposito, ou si se houvesse posto em execução o systema constante do projecto senatorial de 13 de julho de 1908, firmado por 17 membros da camara alta, entre os quaes os srs. drs. Coelho Lisboa, Francisco Sá, Antonio Azeredo, Alfredo

Ellis, almirante Indio do Brasil e marechal Pires Ferreira.

A hyléa amazonica, — esse « inferno verde » da phrase feliz de Alberto Rangel, — não serviu nunca de obstaculo á energica invasão dos cearenses, e ha de ser convenientemente saneada, quando um povoamento mais intenso permittir que se applique alli a prophylaxia adequada ás regiões paludicas.

Não ha, portanto, razão para acceitarmos *in totum* a theoria de Buckle, tão matraqueada em relação ao Brasil, e cujas cerebrinas illações a moderna anthropographia se encarregou de oppugnar e destruir. A nossa historia demonstra que, em menos de um centennio, de 1629 a 1725, os bandeirantes paulistas, desajudados de todas as invenções que mais tarde haviam de decuplicar a força efficiente dos homens, mas apenas propellidos por sua audacia e coragem inquebrantaveis, integraram no dominio luso a maior parte dos territorios actuaes do Paraná, de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul, devassaram o *hinterland* da serra do Mar e da Mantiqueira (Minas Geraes) e conquistaram o extenso *far-west* (Goyás e Mato-Grosso). A nossa historia demonstra, outrosim, que, auxiliados pelos intrepididos mamelucos meridionaes, occuparam os criadores de gado, até fins do seculo XVII, todo o grande sector septentrional que se balisa, pelos sertões, do alto S. Francisco até ao Parnahyba, estirada região onde se fez tambem sentir, perlongando-a e occupando-a desde o debrum do Atlantico, a energia dos sertanistas bahianos e pernambucanos.

O que, de liquido e certo, nos deve pôr de sobre-aviso, — é que, por virtude de antecedentes historicos, de causas climaticas e de ainda buscarem preferentemente



a zona temperada as correntes migratorias da Europa encaminhadas para a nossa Patria, o norte e o sul do Brasil vão marchando para uma distanciação cada vez mais accentuada, que já se nota facilmente nos typos ethnicos, nos habitos sociaes e nos costumes politicos.

Na comprida faixa litoranea, desde a Bahia até aos Estados do nosso rio-mar, de onze unidades federaes, só em tres a porcentagem de estrangeiros fica entre 1,0 e 2,5, sendo de 0,0 a 0,5 nos oito restantes.

Na Amazonia existe, como condição elementar da exploração dos seringaes, um systema de trabalho equivalente á servidão medieval, sinão peior; e foi indubitavelmente a oligarchia inveterada da região septentrional do país que levou um dos nossos mais conspicuos jornalistas a denominal-a de «zona escravizada».

A monarchia, graças principalmente ao «acto adicional», só perdeu, da herança metropolitana, a Provincia Cisplatina, — cujo interior foi em boa parte amanhado e povoado por brasileiros, — deixando-nos, porém, quasi todas por delimitar as nossas dilatadas fronteiras. A Republica não só as tem conclusivamente fixado, com rara felicidade, pelo processo pacifico do arbitramento, mas ainda soube defender, com victoriosa energia, os direitos immemoriaes do Brasil á posse da Trindade, quando esta foi senhoreada, como *res nullius*, pela soberania britanica, — escapando, assim, aquelle pedaço da nossa terra, caído na vastidão do Atlantico, á sorte que até agora tolera o archipelago argentino das Maloinas.

Foi pena que o imperio não tivesse resolvido as questões de limites entre as provincias, dividindo-as mais equitativa e racionalmente. A's 18 daquellas circumscripções politicas, encontradas pela independencia de 1822, juntou a monarchia sómente duas outras, o

Paraná e o Amazonas, deixando de transformar em realidade os projectos de criação da Oyapockia (de Candido Mendes de Almeida), da provincia do Jequitinhonha (de Theophilo Benedicto Ottoni) e da provincia do rio Sapucahy (de Joaquim Floriano de Godoy).

Dê-se autonomia ao Acre, que desde muito a reclama e merece; resolva-se pacificamente e quanto antes o litigio do contestado entre o Paraná e Santa Catharina; extingam-se os latifundios, transformando-os em pequenas propriedades, gratuitamente offerecidas aos braços válidos que se amollentam nos ocios das cidades: — que o resto a educação do povo e as necessidades cada vez mais imperiosas desta época de transição anomala e fustigante hão de inevitavelmente trazer-nos.

Não ha no mundo sólo algum tão ubertoso, tão rico e tão encantador como o nosso. Mas é preciso que nos esforcemos por desfazer, sem demora e por completo, a affirmação vituperosa, devida a um escriptor yankee, de que nós, os brasileiros, não somos dignos da terra privilegiada em que vivemos.

Faltava-nos o aguilhão da miseria, faltava-nos a ameaça de fallencia, para nos incentivarem ao aproveitamento das nossas riquezas e a um menor esbanjamento das rendas publicas.

Chegou, enfim, esse momento, que marcará sem duvida para o Brasil o inicio de vida nova.

Pois já não se pensa em explorar a nossa hulha negra, até agora esquecida nos latibulos da terra?

Não virá dia em que a nossa hulha branca propulsiõe milhares de fabricas?

b) *A raça.*— Tem corrido como verdade inconcussa que a mestiçagem, qual a dominante no Brasil, carece tanto de energia physica como de energia moral. Darwin,

Agassiz, Spencer, Hellwäld, Gustavo Le Bon, para não citar sinão escriptores alienigenas, têm todos condemnado o cruzamento de que resultou a maioria do povo brasileiro.

Não entrarei na analyse das varias theorias, antigas e modernas, formuladas a tal proposito e que, esteiadas outróra nas continuas mashorcas dos paes hispano-americanos, não deixaram de envolver-nos tambem no mesmo estigma colectivo.

Dir-vos-ei apenas, confiado na palavra oracular de Augusto Comte, que é falso existirem raças *superiores* e *inferiores*, pois que ha sómente raças *adeantadas* e *atrasadas*.

Para desmentir os prégoeiros da indisciplina característica dos elementos miscigeneos, pelo menos no tocante ao caso nacional, — ahi estão os nossos fastos a evidenciar que, desde 1850 até 1888, o imperio brasileiro viveu internamente em plena paz, ou, melhor, na mais completa estagnação politica; ahi estão os nossos fastos a evidenciar que, salvante a revolta de 1893, o nosso povo tem vivido na mais bysantina submissão ao des-governo e ao caudilhismo da Republica.

Não colhem a favor dos postulados dos diffamadores do nosso mestiço os pronunciamentos insulados que occorreram durante a monarchia e que ainda têm occorrido sob o regimen ora vigorante. Do mesmo modo que outróra a revolta dos *Muckers* e os desatinos dos *Quebrakilos*, os lamentaveis morticinios de Canudos e recentemente do Contestado entre o Paraná e Santa Catharina foram movimentos de significação puramente regional e mera consequencia da deseducação, da incultura em que vegetam os nossos compatricios tanto da antiga zona da pecuaria como dos campos do sul, pobres homens

facilmente fanatizáveis por intrujões religiosos e por politiquieiros profissionaes.

Falando dos nossos sertamejos, já dizia Silvio Roméro que elles, «quasi por toda parte, se distinguem pelo analphabetismo, atraso, pobreza vizinha da miseria em grandissimo numero de casos, character dispersivo, falta completa de iniciativa, marasmo radical».

Ora, é bem de ver que esses nossos desgraçados irmãos, — verdadeiros *retardados mentaes*, por culpa exclusiva dos governos, — não devem ser combatidos, em suas rebeldias incongruentes, por armas de destruição, a que elles oppoem tenaz e ferozmente as suas; em que se acham admiravelmente adestrados; mas devem ser incorporados no seio cultural da sociedade, em que estão mal acampados, pelas armas espirituaes e pacificas, isto é, por missões de ensino e pelos mesmos meios de que se têm servido abnegada e fructuosamente, para attrahir os selvicolas ao nosso convivio, o coronel Rondon e os seus dignos auxiliares.

Gustavo Le Bon, em seu esplendido livro «Lois psychologiques de l'évolution des peuples», estabelece o mais frisante contraste entre o gigantesco progresso que realizou ao norte do continente colombiano a raça anglo-saxonia e o atraso profundo em que vivem as nações ibéro-americanas. Mas, com Garcia-Calderón, no seu criterioso trabalho «Les démocraties latines de l'Amérique», não me adstringindo apenas a endeusar os yankees, e admirando-os muito embora, — sou tambem levado a acreditar na vitalidade e no futuro grandioso da America latina, onde não poderão jámais medrar as monarchias, nem as theocracias, e a qual, salvando um dia a cultura da França, a cultura da Italia, a cultura da Espanha e a cultura de Portugal, quando lhes soar a hora tragica do declinio, justificará a audacia titanica de Christovam

Colombo e de Pedro Alvares Cabral e os esforços continuos das gerações que têm arroteado esta parte do novo-mundo.

Os exemplos dos nossos antepassados, que expelliram do norte os holandeses e que, em intrepidas arrancadas para o sertão, triplicaram a área do tratado de Tordesillas, animam-nos a não duvidar do porvir de nossa tão malsinada raça, — a qual, melhormente do que qualquer outra do mundo, encerra todos os elementos representativos da Humanidade.

Pois não foi essa raça que, quasi sem auxilio algum do braço estrangeiro até fins do seculo XIX, desbravou as nossas terras vastissimas e nos conservou integra esta grande Patria?

Fortalecer physica e moralmente essa raça, por uma bem orientada e systematica educação, tanto sensorial como civica, — eis o nosso grande problema, o nosso problema capital, cuja solução urge ser encetada, sejam quaes forem os sacrificios que ella demande.

Todo o nosso futuro depende de amalgamarmos sabiamente os nossos heterogeneos elementos ethnicos, desenvolvendo-lhes em typos fixos e fortes, por meio da educação, as qualidades boas e supprimindo-lhes, quanto for possivel, os defeitos e os vicios originarios.

Assim, uma vez disposto a cuidar do seu porvir, que depende exclusivamente da infancia de hoje, o Brasil, com a consciénte egolatria do orgulhoso poeta yankee Whitman, tambem poderá exclamar, de olhos fitos em tempos não longinquos:

« I will make the most splendid race the sun  
Ever shone upon ! »

c) *As tradições.* — A expulsão dos invasores neerlandeses, que chegaram a occupar, em 1611, todo o norte

de nossa terra, desde o rio Real até ao Gurupy, é a epopéa inicial do nosso sonho de autonomia, despontado no arraial de Bom-Jesus, onde pela primeira vez se congregaram, para a defesa dos seus lares e dos seus altares, as tres raças da colonia luso-americana; e a conquista do interior, assenhoreando territorios e descobrindo incalculaveis riquezas metallicas, — odysseá meridional, que tem logo em seus começos a gloria da expulsão dos jesuitas e a primeira tentativa de independencia com a aclamação de Amador Bueno em S. Paulo, odysseá fecunda em resultados e que se propagou ovante para os sertões septentrionaes, — deu origem ao varonil nativismo, que, sobretudo a partir das guerras dos *massates* e *emboabas*, se intensificou cada vez mais na limpida corrente da nossa trajectoria social. Desse movimento são corollarios a revolta de Philippe dos Santos em 1720, a conjuração mineira de 1789 e a sublevação pernambucana de 1817.

Quando José Bonifacio nos deu a independencia, sob a fórmula dynastica, imposta pela adhesão do principe portuguez, já o ideal republicano germinava viçoso em terreno favoravel á sua floração. Foi esse ideal que promoveu a Confederação do Equador em 1824, o pronunciamento de 1832 na então côrte e a longa lucta de 1835-1845 no Rio de Grande do Sul.

A alforria dos escravos africanos e a implantação da Republica foram consecutarios naturaes desses prodromos, assim como do contacto das tropas do imperio com as tropas das nações oriundas do antigo vice-reino do Prata, quer quando as teve o Brasil por alliadas, quer quando as combateu como inimigas.

Si as luctas da unica monarchia americana com os seus vizinhos do sul não tiveram sempre justificativa em

motivos de ordem superior ou de ordem humana, — ao menos os feitos de bravura dos nossos patricios, principalmente a generosidade de que elles deram provas sobrejas para com os vencidos, são actos que devem ser sempre lembrados aos nossos jovens concidadãos.

O espirito de nacionalidade, no sentido de comprehensão objectiva dos requisitos constitutivos da Patria, existe de facto no Brasil, e tem-se manifestado com intenso vigor, toda vez que a defesa da integridade territorial e da honra do país lhe exigiram o pronunciamento, como na guerra do Paraguay, na questão Christie e no caso da ilha da Trindade.

O que tem faltado ao nosso povo, em consequencia do analphabetismo e da imperfeita educação litteraria da massa saida das escolas, é uma precisa e elevada concepção do papel real do Estado, de modo que seja este considerado um elemento coordenador, tutelar, esclarecido e honesto, que se deve escolher bem e manter dignamente e prestigiar com todas as forças, e não uma entidade immoral, contra a qual se viva em perpetua fraude, pois, como diz um eminente pensador brasileiro, o governo é encarado pelos nossos patricios como «um agente de redistribuição da fortuna».

O que, acima de tudo, nos tem faltado, para fixar bem nas almas a imagem sagrada da Patria e a consciencia dos seus altos destinos, — é um forte e grandioso ideal colectivo.

As nossas tradições, entretanto, afortunadamente não nos envergonham, antes nos nobilitam, e merecem cada vez mais cultuadas, para que nellas se apoie, como em raizes inextirpaveis e seivosas, a arvore pujante da nossa democracia, cujos fructos opimos, alimentando as gerações de agora, tambem se prodigalizem ás gerações porvindouras.

Não nos esqueçamos de que, no lucido conceito do fundador da philosophia e da politica positivas, — os povos sem tradições taceiam em trévas, como cegos.

d) O « *status* » social.— Temos uma pequena camada dirigente, que brilha pela aprimorada educação theorica, mas geralmente dispersiva no seu preparo, donde escassas especializações, além do prejuizo da profundidade na cultura integral, e votada de ordinario aos multiplos generos literarios. Ha no Brasil muitos poetas, muitos artistas, muitos oradores, muitos jornalistas. Mas são raros os nossos homens publicos que se dedicam a estudos sociaes. Pouquissimas as obras de intuitos praticos, que interessem á economia nacional. E é frequente ver abalisados scientistas trocar a verdadeira e irrevogavel immortalidade, que lhes adviria de sérias investigações transcendentales, pelos lauréis ephemeros do romance e do theatro.

A grande massa nacional, entretanto, apresenta-se no mais contristador estado de analphabetismo. Não será erro calcular em mais de 80 % o total dos nossos compatricios que não sabem siquer ler e escrever. E' tão excessiva, tão deploravel essa porcentagem, — a qual nos colloca em posição muito inferior entre as nações culturaes da America e do mundo, — que um digno filho do indeslembravel Rangel Pestana, proficiente collaborador do *Estado de S. Paulo* e ferino escarpellador das nossas miserias, já propoz mudar-se o nome de *Brasil* para o de *Analphabetolandia*.

Não me atrevo a tanto. Mas estou plenamente convencido de que a verdade do principio correntio — « cada povo tem o governo que merece » — encontrou palpavel applicação em nossa terra. Nem pudera deixar de ser assim num país onde faltam luzes á enorme collecti-



vidade proletaria e ao sexo affectivo, isto é, á nossa providencia material e ás nossas conselheiras espirituaes, para que existisse e pesasse nos destinos patrios uma bem orientada opinião publica, prestigiosa e inamolgavel.

Com effeito, excluindo-se os habitantes amontoados nas grandes cidades litoraneas, nas capitaes do interior e em alguns nucleos sertanejos, a maioria da população brasileira jaz engolfada na mais deprimente ignorancia.

Ora, ignorancia corresponde, por via de regra, a mau systema de vida, a pauperismo, a inercia moral, a exploração por parte dos mais expertos. E é isso o que explica porque, sem capacidade de iniciativa para conquistar a independencia individual, vegete essa grande massa ainda hoje numa especie de periodo gregario e numa como hibernação moral.

Gentes de bons corpos e de boas almas, de indole meiga e de assombrosas qualidades de resistencia, como as que Euclides da Cunha immortalizou nas paginas luminosas dos «Sertões», *gaúchos, caipiras, tabaréus, matutos e rocciros*, quaes são denominados no sul, *jagunços* e *cangaceiros*, na nomenclatura do norte, ou vivem num quasi completo insulamento de nossa civilização, ou soffrem, quasi reduzidos á condição dos antigos servos adstrictos á gleba feudal, o duro jugo dos fornecedores de capitaes e de patrões gananciosos, o ferreo despotismo de mandões dos campos e das selvas.

O que ainda hoje se passa nos seringaes da Amazonia com os nossos pobres patricios, economicamente servilizados pelos proprios irmãos,— sem que o governo busque pôr termo a esse ignominioso estado de coisas,— é precisamente o que até bem pouco tempo atrás se dava com os nossos indios, antes de se organizar o ser-

viço de protecção, que em boa hora se aparelhou para defendel-os dos seus habituaes exploradores, tonsurados e profanos.

Além disso, ha ainda, pela vastidão da nossa terra, um numero consideravel de creanças que não têm escolas, de creanças em completo abandono moral, — «orfams de paes vivos», na phrase suggestiva de um grande publicista, — e de creanças em infando atraso mental, sem que os poderes constituídos da nação, olvidados de que as gerações de amanhã dependem da puericultura de hoje, tenham até agora cogitado de arrancar-as tanto á medonha perspectiva do perpetuo analfabetismo, como dos carceres e manicomios.

Com relação aos ex-escravos africanos e seus descendentes, — nos quaes podiamos resgatar em parte a culpa innominavel dos nossos antepassados, — já disse um joven escriptor contemporaneo, Rangel Moreira, que, a ficarem no abandono e na degradante miseria phisica e moral em que caíram depois da abolição, melhor fôra que os tivessemos fuzilado !

Não ! Não devemos condemnar ao exterminio todos esses fardos sociaes de nossa Patria, que o são por desidia criminosa das classes dirigentes !

Não ! Ainda é tempo de salvarmos os restos da inditosa raça affectiva, assim como os demais communeiros nossos de berço e de tradições, em vez de assistirmos, impassiveis, ao seu mallogro fatal ou ao seu imperdoavel aniquilamento !

Basta que se lhes proporcione o que ha tanto commendava o illustre e clarividente dr. Miguel Calmon, digno ex-ministro da Viação, em seu patriotico livro « Factos economicos »: — «... instrucção diffundida por toda parte; instrucção propagada pelas estradas de

ferro, pondo em comunicação os centros mais cultos com as zonas reconditas do interior; instrucção recebida pelo exemplo de colonos importados de nações adeantadas, que nos trouxessem habitos de trabalho racional; instrucção profissional, não feita de palavras, mas de obras, de que Booker Washington nos dera modelo imperecível ! »

e) *A organização politica.*— A constituição, que nos rege desde 24 de fevereiro de 1891, é um modelo de franquias liberaes, de conquistas democraticas, que tomámos da grande Republica norte-americana.

Estivesse ella bem adaptada ás condições psychosociaes de nossa Patria, fosse bem cumprida pelos encarregados da sua execução, — e tudo andaria aqui ás mil maravilhas.

Mas não basta o pobre vestir-se com roupa de rico ou o ignorante mascarar-se de sabio, para só por isso adquirir riqueza e sabedoria, tão certo é que — « o habito não faz o monge »... .

A politicagem, a mesma detestavel politicagem que florescera durante o imperio, longe de extinguir-se sob o precioso manto da *magna-charta* de origem yankee, parece que ainda mais se incrementou á sua sombra imponentissima.

Si na monarchia o grave mal era o excesso de força centripeta, — a epidemia assoladora, o escalracho damnhinho da Republica tem sido a proliferação das satrapias regionaes, pois que quasi se contam tantas circumscripções administrativas quantas oligarchias vorazes e insaciaveis.

A falta de educação politica e a falta de patriotismo, — substituidas, na maioria dos casos, pelos interesses subalternos e pelas ambições inconfessaveis, — concorreram tambem para que se tornasse enorme-

mente obnoxia a faculdade de contrahir empréstimos, permittida aos Estados e aos municipios. Foi um verdadeiro furor de levantar dinheiro nas capitaes financeiras da Europa. E, por seu turno, os supremos gestores da União arrojaram-se a gastos exorbitantes, a despesas fabulosas, impossiveis com as rendas nacionaes.

Dahi a ameaça de fallencia, que impende agora sobre todo o país.

Emquanto não se cohibir, *si et in quantum*, aos suborganismos autonomos da Federação a ampla licença dos contractos feneraticios, de que tanto têm elles abusado e pelos quaes é a União soberana a responsavel em ultima alçada; emquanto se não crear um verdadeiro Tribunal de Contas, que fiscalize realmente a percepção dos réditos publicos e a exacção rigorosa do orçamento por parte do Poder Executivo; emquanto se não applicar infallivelmente e irrecorrivelmente a acção penal regressiva aos que, no exercicio do *jus gestionis* e do *jus imperii*, malbaratarem os dinheiros da nação: — andaremos sempre a pique de naufragio ou circumvagando num circulo vicioso. Ante o perigo da bancarrota, economizaremos, não por virtude, mas por força da premente necessidade momentanea; accumulados, porém, os elementos de riqueza ou de prosperidade, o primeiro presidente, a quem elles se depararem nas arcas do thesouro, gastal-os-á sem medida e sem conta, precipitando de novo o país, — este admiravel país que um destino bom nos doou, — na voragem do *deficit* e de outra e mais intoleravel crise, que enseje á mesma geração o repetir o epiphonema dantesco:

« . . nessun maggior dolore  
Che ricordarci del tempo felice  
Nella miseria . . . »

Foi com indizível acabrunhamento que li, na obra ha pouco citada de Gustavo Le Bon, o trecho em que elle affirma terem os nossos governantes, em curtos annos, dilapidado de tal maneira as rendas publicas, que se nos augmentaram os impostos em 60 %.

Com o advento do actual regimen, que estabeleceu o suffragio universal, proliferaram mais agudamente os indecorosos vicios eleitoraes do imperio, sem que tenha até hoje apparecido reforma salutar que lhes ponha cobro.

Mas, o mais funesto de todos os defeitos que apresenta a organização politica do Brasil é a ascensão das mediocridades ás cumiadas da administração publica. Ainda recentemente o erudito dr. Alberto Torres profligou essa espuria falha da nossa enfermiza superestructura geral. Ha tempos, em seu excellentes livro « A sciencia politica », o dr. João Alberto Salles tambem a estigmatizára. Para evidenciar todas as consequencias maleficas desse incumprimento de disposições clarissimas do nosso estatuto basico, não posso fugir ao dever de citar as paginas palpitantes de verdade com que Horario Ferrari psychologou o mesmo phenomeno. Eil-as: — « Uma nação qualquer decae rapidamente e tende a extinguir-se, sempre que para os differentes cargos, publicos ou particulares, sejam preferidos os individuos menos capazes de exercel-os. No exercicio dos cargos publicos, como no de quaesquer outros, é sempre funesta ao desenvolvimento da raça a intervenção dos incapazes, muito mais quando é acompanhada da exclusão dos que mais valem e que, por este processo desastroso, são duplamente prejudicados. Nesta lucta implacavel pela vida, nesta concorrência dos individuos e das raças entre si e com as differentes especies e elementos que os preju-

dicam, os fracos, os incapazes são eliminados, succumbindo prematuramente, uns na posição em que nasceram, outros depois de retrogradarem por mallogros successivos até chegarem ao nivel para que estavam mais adaptados; pelo contrario, os fortes avigoram-se mais, os que naturalmente se encontram melhor predispostos aperfeçoam-se e tornam mais favoraveis, pela sua actividade e pela exclusão dos fracos, as condições de sua existencia: Inverter este processo é retrogradar. Preferir na execução de qualquer trabalho, no desempenho de qualquer encargo, os incapazes aos mais aptos, é multiplicar os primeiros á custa dos segundos, e, portanto, rebaixar o nivel da capacidade social e organica da raça.»

Não é possível que progrida sem vacillações e sem entraves um país, por mais vigoroso que seja, quando quasi todo ministro que assume a gestão da pasta do Interior entende de metter o seu camartello na esfarrapada instrucção publica nacional.

A mania de desmanchar a obra do antecessor estraga tudo, não se esperando pelo fructo de medidas que demandam largo espaço de tempo para evidenciarem a sua proficuidade ou a sua inconveniencia.

Somos o povo singular dos continuos ensaios, das constantes experimentações, em avanços ás vezes frustraneos e em recuos ás vezes gigantescos, — e não das construcções definitivas.

A recente reforma do ensino, por exemplo, está destinada a estrangular toda iniciativa privada numa terra onde se devêra animar, por todos os meios e modos, o livre surto da educação popular, bastando que a fiscalizasse severamente o poder publico, qual acontece nos Estados-Unidos da America do Norte, — como bri-

lhantemente o demonstrou, em seu parecer apresentado ao Conselho Superior, o ardoroso e culto legionario da abolição e da Republica, dr. Coelho Lisboa.

Para completar o quadro das nossas deficiencias e jaças, cumpre accrescentar-se o pouco caso que geralmente se faz de nossa lingua, — vinculo poderoso da nacionalidade, tão pouco e tão mal ensinada nos estabelecimentos publicos de instrucção elementar, — e da nossa historia, — sagrada guardiã das gloriosas tradições da Patria, — só realmente estudada e carinhosamente investigada nos poucos e bemeritos Institutos desta capital e de alguns Estados.

Assim, em face de tudo quanto acabamos de expor, — não é de pasmar que se accentuem os symptomas de desaggregação da nossa unidade politica, nem é de assombrar que estejam ameaçadas de fiscalização extrangeira as nossas depauperadas finanças.

Entretanto, para que em futuro não remoto se salve o grave doente, « o grande doente da America do Sul », ainda ha remedio efficaz, principalmente si applicado sem tardança e sem tergiversações.

Tal remedio, como vamos ver, está felizmente em nossa propria Patria, em nossa propria raça, em nossa propria adeantada fórma de governo.

---







### III

#### Tratamento

Do exame anamnestic, somatico e psychologico, a que acabamos de proceder muito succintamente, resulta a seguinte synthese do estado actual do Brasil:

— o *sólo* (que é o *esqueleto*), encantador, fecundo e opulento, quasi todo amigo e bemfazejo, raramente hostile, porém ainda por explorar em sua maior parte e reclamando para a sua agricultura, geralmente rotineira e quasi incipiente, processos menos barbaros que os da contínua e abusiva desflorestação do país;

— a *raça* (que é a *musculatura*), intelligente, plasmavel, viril, mais robusta e homogenea no interior do que no litoral, porém ainda geralmente carecendo de enrijecer e de fixar-se melhor, de modo que adquira irreductivel caracter peculiar, condição essa indispensavel á assimilação rapida e integral dos elementos estrangeiros;

— as *tradições* (que são as *taras*), bellas e gloriosas, entretanto antes em grande parte esquecidas do que cultuadas;

— o «*status*» *social* (que é o *cerebro*), capaz de attingir ao climax da hygiene e do progresso, todavia até

agora inidoneo, por falta de educação conveniente e, portanto, de consciencia das suas necessidades reaes e do seu futuro, para cumprir a sua alta missão directriz do organismo nacional, na trajectoria do seu verdadeiro destino;

— a *organização politica* (que é o *habito externo*), finalmente, talhada pelo melhor modelo do orbe civilizado, faustosa e de belleza irreprehensivel, mas tão amarrotada, tão adulterada, tão manchada, tão poida, que é imprescindivel, é urgente dar-lhe a limpeza e correcção consentaneas com a sua notoria e effectiva superioridade.

Qual deve ser, por conseguinte, o tratamento que ora se impõe ao « grande doente da America do Sul »?

a) *O serviço militar obrigatorio*. — Com a profunda admiração que sinceramente voto ao grande poeta do « Caçador de esmeraldas », já me referi ao bello gesto, ao appello patriotico com que elle fez vibrar em applausos retumbantes a mocidade paulistana e que tão larga repercussão vae tendo em todo o país.

Mas o inspirado cytharedo preconizou como o unico remedio indispensavel ao nosso definhamento civico o serviço militar obrigatorio.

Certo, embora, de incorrer no desagrado da prestigiosa e unida classe fardada, — lamento não concordar com o parecer do sr. Olavo Bilac, e vou dar as razões da minha divergencia.

Quem penetrar bem no intimo das nossas instituições consagradas ao mistér bellico, verá que não constituem aparelhos perfectos, nem para o fim a que essencialmente se destinam, nem, muito menos, para levantar a destonalizada fibra da nossa juventude.

Não nego, antes reconheço e proclamo, que nos es-

tabelecimentos militares é onde talvez se ministre a mais solida instrução scientifica propedeutica que se póde obter em nossa terra. Mas isto não basta. E esse alto nivel de theorismo até induziu os nossos officiaes, que, em geral, andam aqui á paisana, á mesma *doutoromania*, peculiar das classes civis. Alguns houve que, não contentes com o posto e o titulo adquiridos nos institutos de guerra, ainda ha pouco vieram receber laureas academicas na Escola Polytechnica. Um moço talentoso, que foi mandado aperfeiçoar na Allemanha os estudos da sua arma, causou espanto aos seus collegas de lá. Disseram-lhe que na velha e experiente Germania quem sabia tanta physica e tanta chimica, como o tenente brasileiro, não andava manejando bayoneta e sim instrumentos e drogas de laboratorio. O nosso joven patricio era um consummado bacharel em sciencias naturaes, mas ignorava o que devia capitalmente saber, isto é, a technica da infantaria.

E' preciso, pois, que se não confunda o que temos no Brasil de instrução ou educação militar com o que se passa na encanecida Europa, tradicionalmente entregue ao aperfeiçoamento dos seus agentes e apparatus de destruição. Lá, em quasi toda parte, existe uma organização completa, com todos os seus defeitos e virtudes, ao passo que aqui existe apenas um arremedo de organização, muito mais dispendioso e tendo ainda mais defeitos do que virtudes. E a observação do nosso passado me leva a acreditar que não chegaremos nunca a ter nesse ponto a perfeição a que attingiu o antigo continente. Não que nos falte capacidade, — temol-a que farte, — mas fallece-nos a indole militar, a que é radicalmente avesso o povo brasileiro, além de que o nosso pacto politico veda que nos tornemos *imperialistas* e não

alimentamos, por emanção de nenhum antecedente historico, a expectativa de guerras internacionaes.

Quem estudar a composição das forças de terra e mar no Brasil, verá, com tristeza, que, ao lado de uma briosa e galharda officialidade, superiormente educada, não figura positivamente o escol da sociedade. Pouco importa que essa massa se substitua inespontaneamente por outra melhor. Para que as casernas se transmudassem aqui em escolas modelares, onde se educassem simultaneamente o character, a intelligencia e o sentimento da mocidade, fôra mistér refundir primeiro, de alto a baixo, os nossos arraigados costumes sociaes, politicos e administrativos.

E' duro, mas cumpre dizel-o sem reбуços.

Basta consignar que não temos siquer estatistica censitaria e que em nosso país é mal executada a lei do registo civil, — base do serviço militar obrigatorio. Talvez um terço da população do Brasil, de 1889 para cá, não conste dos assentos dos cartorios de paz.

Demais, o mundo não póde ser visto apenas pelo prisma dos que nelle só enxergam um acampamento, onde impera sobranceira a força bruta, da qual diz conceituosamente René Fabert, no seu « Charlemagne »:

«...force inféconde,

Qui n'a jamais rien fait de durable en ce monde,

Qui ne sait que détruire et que nous fasciner

Et dont Dieu ne se sert que pour exterminer...»

Assim, o mistér marcial deve exclusivamente ser encarado como um sacrificio que cada cidadão realiza voluntariamente nas aras da Patria, — por dura e inevitavel exigencia das condições do momento historico, — e não como uma necessidade immanente, organica e per-

petua, da evolução da Humanidade nem tão pouco como uma imposição oriunda do capricho despotico dos que empolgaram e retêm o dominio das nações.

Nem ha quem, ao amparo da sciencia ou da philosophia, ouse affirmar que seja a farda, nos dias que correm, um coefferiente ineluctavel da prospera ventura domestica e social, ou que seja a guerra um recurso extremo e inilludivel para assegurar a paz entre os povos, como ao tempo do conquistador das Gallias ou do apostolo armado do catholicismo.

Paola Lombroso, no seu impressionante estudo « Il problema de la felicità », demonstrou não se derivar da carreira das armas o bem-estar individual, que não consiste na gloria das pejejas, nem na vangloria conquistada pelas dragonas scintillantes em *flirts* ephemeros, mas sim na formação de lares estaveis e aconhegosos, com os quaes é quasi sempre incompativel a existencia nomade e accidentada do soldado. Por seu turno, o erudito psychiatra De Sanctis, em sua reputada obra « Patologia e profilassi mentale », deixou irrespondivelmente provado o erro em que laboram os que visam a curar os nevropathas, tão abundantes nos centros collectivos modernos, por meio da disciplina da tarimba.

Temos, além disso, o argumento coronal que nos fornecem os grandes povos pacificos. Não ha quem conteste que as duas mais bem organizadas nações do mundo, no ponto de vista do progresso economico, do adeantamento scientifico-industrial e das liberdades politicas, são a Inglaterra e os Estados-Unidos da America do Norte. Aquella, desde Montesquieu até Philarète Chasles e Léon Donnat ou até aos nossos emeritos Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco, tem sido considerada um modelo de democracia liberal, sob a fórmula de monarchia represen-

tativa, e a outra, desde Tocqueville e Gustavo Le Bon até Paul Bourget e Jules Huret, tem sido apontada como o archetipo das republicas presidenciaes. Distinguem-se pela fortaleza da raça, pelo espirito de iniciativa, pela integridade da justiça, pelo respeito da opinião, pelo culto das franquias politicas e pela accumulção da mais portentosa riqueza material. Pois bem: — si ambas têm progredido tanto sem o serviço militar obrigatorio, que a Inglaterra ainda agora, sob o imperio da mais premente necessidade, repelle (\*), porque não poderá tambem o Brasil progredir sem elle?

Quero acreditar que tenha sido a selvagem e tonitruante procella bellicosa, ora desencadeiada sobre o velho-mundo, o que tenha impellido obnubiladoramente alguns dos nossos compatricios, mais esclarecidos e mais amigos da paz, a inculcar-nos a léva de broquéis como meio de galvanizar as nossas energias adormecidas. E' assombroso que em pleno seculo XX ainda se aprégoe como droga efficiente á cura das enfermidades sociaes o regimen dos quartéis, em logar do regimen da escola paisana, da officina e da fabrica paisanas, — pois que a existencia normal da Humanidade não é a guerra, — é, sim, o trabalho pacifico !

Através da lição de toda a historia do passado humano, não ha quem descubra na hegemonia militar nem a felicidade das nações, nem a segurança definitiva dos povos. Além disso, a superioridade em armas sempre

---

(\*) Em novembro de 1915, quando foi feita esta conferencia, ainda não havia a Inglaterra adoptado o serviço militar obrigatorio, a que, emfim, teve de submeter-se o seu povo, não obstante a repugnancia que manifestou até á ultima hora. Mas, terminada a actual hecatombe européa, a opinião publica, que é uma realidade na monarchia britanica, imporá fatalmente o retorno ao regimen anterior, do simples voluntariado.

foi coetanea da inferioridade naquellas florações intellectuaes e affectivas que constituem a grande belleza, a inclita esthesia da vida, e que exigem, para o seu nobre surto e rutilo apogeu, não os sobresaltos e inclemencias da guerra, mas os socegos e as doçuras da paz.

Nada ha mais detestavel, mais odioso que o despotismo militar, — revivescencia do caciquismo tribal ou da barbarie antiga, quando a Humanidade andava coagida á desfraternal conquista do sólo ou compellida a expansões de causas cataclysmicas. Nada mais horroso, mais brutal do que a hecatombe de povos, quer quando acaudilhada por um curso retrogrado, « sem nenhum sentimento civico e sem a minima elevação moral », na phrase causticante de Augusto Comte, quer por um orgulhoso kaiser, — *survival* dos *condottieri* da idade-média e dos mystagogos pathologicos de mais priscas éras, appellando para um Deus que as religiões pintam creador, bondoso e justo, afim de que, emtanto, o ajude a trucidar milhões de homens e a implantar sobre a terra o imperio universal da espada !

Felizmente, este pesadelo infernal, semelhante ao da longa e execranda orgia napoleonica, tão bem descripta nos « *Iambes et poèmes* » de Barbier, — de « esmagar o ventre das nações », de « triturar gerações », — ha de esvair-se, esta onda rubra de insanias collektiva ha de passar, agora ou mais tarde, e, com o esphacelamento do militarismo germanico, talvez se reintegre de novo, porventura para sempre, á face de todo o orbe terraqueo, a paz soberana, a paz bemfazeja, a paz constructora !

Em resumo, os nossos antecedentes historicos, a observação de males ainda presentes, o rigoroso cumprimento do nosso pacto politico fundamental, o exemplo

e a lição que nos vêm do resto do mundo culto, — tudo nos despersuade o emprego do serviço militar obrigatorio como remedio, e remedio exclusivo, da nossa tremenda crise.

Mas de tudo quanto acabamos de dizer não se vá erroneamente concluir que sejamos adverso á preparação physica da mocidade brasileira, para a qual se voltam as vistas ansiosas dos veros patriotas.

Independentemente da conscripção absoluta, — difficil, sinão impossivel de ser executada num país extensissimo e mal administrado qual o nosso, — basta que se applique com seriedade a lei do sorteio, que se dê instrucção militar a toda a puericia frequentadora das escolas civis, secundarias e superiores, e que se anime, por toda parte, o desenvolvimento das linhas de tiro, não para que soffram, como ha pouco, a acção deleteria das indecorosas manobras eleitoraes, porém para que constituam viveiros de optimos soldados.

Cumpre tambem que volvamos a nossa melhor attenção para outro serio problema. Temos cerca de 8.000 kilometros de costas, que, além de mal defendidas, clamam por uma intensa actividade commercial e que predestinam o Brasil a ser uma das primeiras nações maritimas da America e quiçá do mundo.

Porque havemos de cuidar exclusivamente da terra, esquecendo-nos imprevidentemente do mar?

Penso que devemos inculcar na alma dos nossos jovens patriocios o amor pela nautica, penso que devemos crear quanto antes o nosso navalismo pacifico, — penso, finalmente, que o oceano, além de um celleiro inexgotavel, é tambem uma grande escola de energia.

b) O « *boy-scoutismo* ». — Ha um meio de educação physica e de cultura moral, que devemos adoptar sem



receio, pois não apresenta nenhum dos inconvenientes das instituições genuinamente militares e proporciona muito maiores vantagens ao aperfeiçoamento individual e á defesa da Patria.

Quando, em dezembro do anno findo, tive a honra de ser um dos fundadores da associação regional de *boy-scouts* de Campinas, dirigindo-me, em longo discurso, á assembléa geral, reunida no theatro « Casino » daquela cidade, lembra-me bem ter dito que a instituição devida a Baden Powel representava, a meu ver, até certo ponto, a cavallaria moderna, de que cogitara o genio incomparavel de Augusto Comte.

E' um systema de simplicidade inexcedivel, podendo montar-se nos mais remotos e pobres logarejos do Brasil, onde quer que haja meia duzia de homens de boa vontade. Não tem complicações de especie alguma, sendo de belleza e utilidade incontestaveis. Não afasta do lar carinhoso, nem dos outros deveres e do trabalho de cada dia, os nossos jovens concidadãos, tomando-lhes apenas os domingos e feriados. E, o que é importante assignalar, não depende do poder publico, forrando-se desse modo ás maleficas intervenções da politicagem.

E' o *boy-scoutismo* uma perfeita combinação dos exercicios physicos, — coordenados sem duvida para uma excellente cultura pedagogica, mas adaptaveis ao ponto de vista militar, — com a pratica das mais elevadas obrigações que incumbem ao homem em sociedades policiadas.

Não visa por fórma alguma á guerra, — e nisso está o porque mais o admiro e propago, — mas a conseguir essencialmente, de par com a saúde do corpo, com a adestração e o vigor dos musculos, a sublimação dos sentimentos que mais dignificam a nossa especie.

O código por que se rege tem mais dois artigos que o decalogo mosaico, pois a civilização humana progrediu e se tornou mais exigente que a da pristina Judéa. Em vez de descer á especificação de transgressões odiosas, — manda obedecer á honra, tendo-a em mais conta do que a propria vida, não mentir, praticar cada dia uma boa acção, dedicar-se aos fracos, fraternizar com os seus pares, distinguir-se pela delicadeza, caracterizar-se pela iniciativa.

Assim, si se desenvolver seriamente esse systema no Brasil, é de esperar que aqui obtenhamos com elle, a prol da nossa juventude, os mesmos resultados que o padre Didon, em sua obra «L'éducation présente», assegura terem sido obtidos experimentalmente, nas escolas sob sua direcção, pela gymnastica ao ar livre, e que são os seguintes: — «a actividade e a diligencia, contra a preguiça e a inercia; a combatividade e a bravura, contra a fraqueza e a timidez; a perseverança e a affronta ao perigo, contra a impaciencia e a deserção; a temperança e a sobriedade, contra o sensualismo e o uso dos toxicos ethylico e tabagico; o espirito de fraternidade e cooperação, contra o egoismo e a indifferença; o sentimento de honra e dignidade, contra a transigencia e condescendencia comsigo mesmo; o espirito de iniciativa, contra a passividade; a habilidade pratica, contra a incapacidade para a acção; a confiança em si mesmo, contra a esperança em outrem; a disciplina absoluta, contra a desordem e a licença».

Os paulistas, a quem, em recente opusculo, chamei de «yankees da America do Sul», comprehenderam, melhor que ninguem, as vantagens da instituição de Baden Powel. No grande e prospero Estado já se contam quasi 10.000 *boy-scouts*, e é de um anno apenas a orga-

nização de taes associações, que deviam ter surgido primeiro aqui, nesta capital, que é o cerebro e o coração do Brasil, si nesta cidade a estreitos partidarismos se antepuzessem amplas cogitações do bem collectivo. Dentro de mais uns cinco annos, póde o Estado de S. Paulo contar cerca de 100.000 *boy-scouts*, devendo Minas-Geraes, em igual prazo, apresentar um numero duas vezes maior, mercê da sua população, de certo já passante de 5.000.000. E assim, proporcionalmente, as demais circumscripções da Federação. A exemplo dos clubs de foot-ball, os aggrupamentos de *boy-scouts* das várias regiões do país hão de visitar-se reciprocamente, para fortificar os laços de fraternidade nacional e para o intercambio das suas aquisições progressivas, na esphera pratica, na esphera intellectual e na esphera moral.

Mas cumpre afastar sempre de taes instituições a preocupação de exclusivismo bellicoso. Queremos jovens fortes, — fortes no physico, fortes na intelligencia, fortes na affectividade, conscientes do seu pundonor e do seu civismo, sem a mutilação moral da obediencia passiva, — não para precipitar o Brasil em aventuras sangrentas, domesticas ou externas, e sim para os excelsos ideaes da paz e do progresso.

Que é que nos adeantaria ter dois ou tres milhões de intrepidos soldados, si a guerra hodierna demanda, além de consideraveis massas de homens, massas centuplicadamente maiores de munições, que as nossas incipientes industrias não podem actualmemente e não poderão tão cedo produzir?

Porque, pois, não formarmos, de preferencia, bons e esclarecidos operarios e desenvolvermos a nossa capacidade fabril, que, por sua vez, tem por base a materia-prima fornecida pela agricultura?

Para o papel que á força publica prescreve o nosso pacto basico, basta um pequeno exercito federal, auxiliado pelas milicias estaduaes, e, si accaso fôr infelizmente preciso, teremos na guarda-nacional e nos *boy-scouts*, estes e aquella convenientemente militarizados então, a nossa *landwehr* por excellencia.

Assim aparelhados para a defesa da ordem interna e para a eventualidade, desgraçadamente não de todo impossivel, de qualquer aggressão de povos potencialmente eguaes a nós, — é votar-nos de corpo e alma á exploração racional e pacata da terra privilegiada que os nossos maiores nos conquistaram e legaram, que a riqueza e o bem-estar hão de vir infallivelmente, não mais para nós, é certo, mas para os nossos felizes descendentes.

c) *A educação integral.* — Citei-vos, srs., apenas um dos remedios que podem ser immediatamente applicados á nossa crise, sem dispendio algum por parte do poder publico.

Ahi, porém, não está ainda todo o verdadeiro tratamento de que carece o nosso país.

O verdadeiro tratamento dos nossos males, o reconstituente emergico da nossa cachexia moral, o supremo impulsor do nosso tonus e do nosso progredir, esse depende de não pequeno esforço, — e é a educação integral.

Por esta expressão entendo eu o preparo gradual, mas systematico e completo, de cada individuo, desde a vida intra-uterina até que se lhe termine a adolescencia, — de modo que se torne operario consciente da grandeza da Patria e capaz de collaborar, de harmonia com os seus pares, no corrigir e melhorar as condições do meio ambiente.

Si a educação nacional tem sido até hoje um mytho, excuse-me de dizer-vos que tudo quanto se anda a fazer

no Brasil em tal sentido se resente em geral dos mais graves erros.

Entretanto, quer acceitemos a theoria que Ziller, um dos apóstolos das *Arbeitschule* teutonicas, hauriu de Spencer, a *kulturgeschichtliche Stufentheorie*, — de que « a educação deve reproduzir em cada individuo a historia da civilização », ou a chamada « lei biogenetica fundamental » de Haeckel, de que « a ontogenese (desenvolvimento do individuo) reproduz a philogenese (evolução da raça) »; quer perfilhemos as definições modernas, qual a de Rodó, de que « a educação é a arte da transformação ordenada e progressiva da personalidade », ou a de Maria Montessori, de que é « não alcançar fins, mas desenvolver meios »; o que ninguem póde negar é que a educação desempenha duas funções substanciaes: — a estatica, isto é, adaptação do individuo ás condições do *status* social, e a dynamica, isto é, modificação do *status* social pelo aperfeiçoamento dos individuos que o compoem.

Assim, e porque « a verdadeira força e energia de qualquer massa está na força e energia dos seus elementos componentes », cada povo deve ter uma educação correspondente ao seu meio physico e ás suas necessidades organicas. Imitar servilmente uma nação os processos didacticos de outra, com quem não tenha paridades mesologicas, ethnicas e sociaes, é desconhecer que os homens são « filhos da herança, filhos do ambiente geographico, filhos do ambiente intellectual e economico », como bem pondera Leonor Serrano.

E é a aberração ou a incompreensão de tal conceito que nos tem levado a representar pouco mais ou menos a figura do monstro horaciano: — o Brasil é o país mais bello e mais rico do mudo, e, emtanto, os seus habitantes exhibem a mais hedionda indigencia.

Argua-se, porém, o primeiro cidadão, que andar ahi pelas praças e avenidas, e ver-se-á que discorre magistralmente sobre economia politica, qual novo Leroy-Beaulieu, conhecendo a fundo os meios de endireitar a vida da nação e os segredos da arte difficil de conquistar opulencia..

O absurdo flagrante que dahi resulta é o sermos e nos proclamarmos um país *essencialmente agricola*, e empregarmos até agora os mais rudimentares processos de cultura da terra, inexplorada em sua maior parte. Para ensinar-nos o plantio do arroz pelo rendoso systema de irrigação, foi preciso que o governo paulista contratasse um profissional norte-americano. Ha alguns annos atrás, ainda importavamos milho dos Estados-Unidos, como ainda recorremos ao leite europeu sob a fórma de leite condensado e ainda importamos até palitos de Portugal!

Era de presumir-se que, num país *essencialmente agricola*, houvesse um numero regular de escolas agricolas. Pois, srs., aqui, neste Brasil paradoxal, ha menos escolas agricolas do que academias juridicas. Supprimiu-se recentemente a nossa unica escola superior de agricultura.

Em taes condições, não admira que haja em nosso berço esplendoroso milhares de sabios que conheçam profundamente o *jus scriptum* e o *jus scribendum* em relação á propriedade e ao mais, ao passo que poucos, que raros são os capazes de explorar intelligentemente a terra uberrima e de jugular com proficiencia as hostilidades que ella periodicamente offerece na zona do nordéste.

Mas, ah! quando irrompem as seccas septennaes, todos nós, que cruzámos por tanto tempo os braços, na doce esperanza de que nos viesse em auxilio o deus-

accaso ou o deus-governo, sublevamos o nosso sentimento, a nossa innata *sensiblerie*, e acudimos sollicitos com os nossos obulos em soccorro dos irmãos flagellados, para os quaes não nos pejamós de aceitar a humilhadora esmola de estrangeiros...

Não ! Isto não póde e não deve continuar assim !

Urge que encetemos a educação do nosso povo de accôrdo com a sua estructura social, de que anda tão distanciada.

Não é preciso, para isso, descaracterizar a nossa nacionalidade. O que cumpre é aproveitar-lhe as magnificas tendencias, perfeitamente manifestadas no seu evoluir, e os dotes portentosos da nossa raça, de capacissimo talento e comprovado vigor.

Não nos esqueçamos de que nos ameaça um perigo maior do que o tão falado e hypothetico *perigo allemão*: — a absorpção do elemento nacional pelo adventicio, em toda a zona temperada do Brasil. Si não nos prepararmos desde já, com todos os meios de resistencia, duvido muito de que nos sorria a victoria. *Quantitativamente* superiores, mas *qualitativamente* inferiores, teremos, fatalmente que ceder terreno ante os italianos e allemães que aqui adoptaram a *profissão colonial*. Si formos realmente fortes, havemos de assimilal-os *in totum*, — unico meio de evitarmos, em futuro não muito distante, o desmembramento da Patria brasileira nas duas ametades, que se vão cada vez mais diversificando, a septentrional e a meridional.

O nosso problema ethnico devia merecer vistas mais attentas por parte do poder publico, a quem cumpre evitar o accumulo de colonos da mesma nacionalidade num ponto unico do nosso territorio.

Quando falo em resistirmos á absorpção de que nos

ameaça a corrente alienígena já estabelecida em nosso sólo, não visio a prégar nem o jacobinismo, nem o nacionalismo à *outrance*, mas o nativismo bem compreendido, — aquelle nativismo energico que está em toda a caudal da nossa evolução, aquelle nativismo superior, que nos leva a defender a nossa lingua, as nossas tradições, a nossa religião, o nosso *facies* cultural.

Precisamos de immigração, como o organismo profundamente anemiado que, ha muito, reclama injeção robustecente, capaz de levantar-lhe a combalida função hematopoetica. E esse sangue novo, essa transfusão sadia, só nol-os podem dar os países europeus em que ha superpopulação. Mas, para que vençamos na formidavel concorrência com as raças activas e adeantadas que demandam as nossas plagas, é mistér estarmos apparelhados por uma educação integral, adoptada sem vacillações e systematicamente continuada.

Até agora, parece que em nosso país sómente cogitaram os governos, quer do imperio, quer da Republica, de instruir os subditos daquelle e os cidadãos desta exclusivamente para as funções do suffragio politico.

A preocupação do poder publico, entretanto, não deve ser formar apenas eleitores, aos quaes baste garantir os nomes e ler as cédulas impressas.

O que é imprescindivel é crear escolas em que á conveniente instrucção litteraria se junte solidá educação pratica, de accôrdo com as necessidades nacionaes e regionaes. Assim, a creança e o adulto, em vez de sairem das casas de ensino levando no cerebro um inutil e frivolo saber theorico muito apedantado, mas incapazes de manejar o mais simples dos instrumentos agrarios ou fabris, quando não incapazes de resolver os problemas mais elementares de geometria e de mechanica, — sairão



conscios de que podem, com o preparo que lhes foi ministrado, ganhar á propria custa o pão e o conforto, sem que para viver lhes seja indispensavel amesendar-se ao orçamento do Estado.

Familiarizar a creança e o adolescente com as necessidades organicas da nossa terra e com os deveres que lhes incumbe desempenhar a bem da grandeza e do futuro da Patria, — eis tudo.

Só assim não sairão elles da escola com a mira posta unicamente nas repartições publicas; só assim não sairão elles ás cégas, desconhecendo por completo as nossas riquezas naturaes e os processos de extrahil-as e utilizal-as, desconhecendo, emfim, os meios de adquirir a abundancia, o bem-estar, a fortuna, a verdadeira independencia; mas, ao contrario, ao se retirarem dos institutos de ensino, com a idéa bem nitida das funcções sociaes a que se destinam, terão os musculos enrijecidos para a aspera labuta, em que o cerebro, potentemente illuminado pelas regras infalliveis da sciencia, lhes guiará os braços para a victoria.

Essa educação de que vos falo é a unica que pôde pôr termo á nossa costumaria *protecciomania*. Quando os nossos jovens experimentarem o empolgante prazer do triumpho pelo proprio esforço, pela propria iniciativa, « a golpes de talento », na phrase consagrada, — começará a realizar-se plenamente o papel dynamico da educação: — radicar-se-lhes-á, então, no espirito a convicção inabalavel das vantagens e da belleza do *self-help*, de que é consectario logico o *self-government*.

Em recente conferencia, realizada na Bahia logo após o seu regresso do velho-mundo, o nosso egregio compatriocio dr Miguel Calmon, cujas idéas elevadas já se haviam estampado no forte volume dos « Factos eco-

nomicos», assim se exprimiu:— «E' hoje sedição em psychologia considerar que nenhum meio de cultura da vontade sobreleva á acção do trabalho manual, sendo todos accordes em se tornar este commum aos tres graus do ensino. Acabaram-se os preconceitos escolasticos, os quaes degradavam o esforço physico, que não visava a objectivos guerreiros ou á satisfacção de instinctos sanguinarios. Hoje, a formação do character é o intuito precipuo da educação, e esta não vinga só pela instrucção livresca, mas sobretudo pelo exercicio dos trabalhos manuaes ».

Impõe-se, com effeito, uma reforma radical do ensino publico em nosso país, de modo que, em vez de simplesmente adoptarmos *in globo* os methodos pedagogicos estrangeiros, feitos para outros povos, outros climas e outras condições sociaes, — devemos adaptal-os ás nossas necessidades ou, então, incumbe-nos crear processos proprios, consentaneos com as injuncções do nosso meio e com a realização dos nossos destinos.

Penso que ás creanças deve ser dada uma educação sensorial gradativa e systematica, tendo por base o trabalho manual (não simplesmente diversorio, mas utilitario, como o *slojd* ou o *wittling*), a que se juntem, quasi que sem transições rispidas, o desenho, a escripta, a leitura, o calculo elementar, a morphologia geometrica, a musica, a geographia e a historia especialmente patrias e noções de sciencias naturaes, ou, melhor dito, o estudo da natureza, feito sobretudo intuitivamente. Só essa educação, auxiliada pela que cumpre propagar nos lares, é que possibilitará á nossa infancia adquirir a força de vontade e o estoicismo, de que carece, para enfrentar as luctas de concorrência egoistica entre os povos do universo, que já lhe estão sendo acenadas por um

futuro bem proximo dos tristes e luctuosos dias que correm.

Penso que a instrucção fornecida pelos poderes publicos á mocidade deve ser apenas a normal-profissional, deixando inteiramente á iniciativa particular a preparação theorica, isto é, o cyclo classico propriamente dito, em que quem quizer e puder estudará, como melhor lhe apraza, o grego e o latim, a literatura e a philosophia.

Penso que o ensino pratico deve limitar-se a institutos agricomicos, zootechnicos e electro-technicos, escolas de pesca, lyceus de artes e officios, gabinetes de physica e chimica, estações meteorologicas e biologicas, — disseminados por toda a extensão do Brasil.

E' provavel que por este limpido crisol se apure o nosso tão mal plasmado e tão mal norteado patriotismo, fazendo-nos perder ao mesmo tempo a tão generalizada *mania verborrhagica*, — com a qual, em vez da acção continua e efficiente, acreditamos resolver todos os problemas sociaes, — e a deploravel *mania pessoalistica*, que nos leva a ver em tudo antes as individualidades que as funcções e instituições por ellas representadas.

No dia em que nos varios centros urbanos da nossa terra se disseminarem creações escolares praticas, adequadas ás suas necessidades; no dia em que se ministrar ao sexo feminino, não apenas o verniz de francês, musica e bellas-artes das classes abastadas, ou as estreitas noções theoricas, sempre e exclusivamente theoricas, dos institutos actuaes, mas um preparo racional e solido, que faça da mulher o que ella deve ser, a mestra incomparavel da infancia e a conselheira espiritual do seu consorte; no dia em que elevarmos o nosso tão engoiado ensino, quer publico, quer particular, ao grau de adelantamento em que se acha a instrucção popular na Ar-

gentina ou na America do Norte; no dia em que asceñdermos ao alto nivel de cultura, que de nós está exigindo não só toda a nossa historia, como tambem a responsabilidade da nossa posição nesta parte do novomundo; no dia, enfim, em que adoptarmos, sem mais procrastinações, a educação integral, sobretudo sensorial e profissional, de nossa infancia e de nossa juventude, sempre com os olhos postos nos altos destinos da Patria: — nesse dia terá começado a salvação definitiva do Brasil, nesse dia terá começado a sua marcha irretrogradavel para o mais risonho e mais brilhante porvir.

Dessa educação integral faz parte a solução de dois problemas palpitantes, dos quaes até agora se têm lamentavelmente descurado os depositarios do poder publico e todos os bons brasileiros. Um é a educação das creanças portadoras de atraso mental, para as quaes não ha ainda em nosso país uma só escola apropriada, ao passo que já as ha, desde muito tempo, na Argentina e até no pequeno Uruguay. O outro é o combate aos toxicos e aos demais vicios que tanto mal acarretam á vida physica e á vida psychica. Quero referir-me, mais particularmente, ao alcool e aos jogos de asar. Urge que, systematicamente, se dê lucta sem treguas, em cada escola e em cada lar, por todos os meios de persuasão e por mais rigorosas leis repressivas, tanto ao *alcoolismo* como á *tavolagem*, que depauperam, degradam e enervam a nossa raça e os nossos costumes.

As gerações que assim se educarem é que hão de propagar-se em proles sadias e formosas e varonis, e essas é que poderão aproveitar intelligentemente todos os thesouros prestes a desenvolver-se na superficie ou occultos nas entranhas da nossa terra diviciosa; poderão crear a primor os gados, em armentios e rebanhos in-

contaveis; poderão impulsionar as nossas incipientes industrias e fazer surgir outras novas; poderão des-escravizar o nosso commercio das especulações e influencias estrangeiras; poderão cónjurar para sempre o flagello das seccas periodicas do nordéste; poderão sanear e encher de burgos civilizados a hyléa amazonica; poderão constituir antemural inexpugnavel da defesa da Patria; poderão, em summa, consciencientemente escolher e consciencientemente fiscalizar aquelles a quem honrarem com os supremos postos da publica administração.

A educação integral ó, portanto, a meu ver, o especifico, o remedio essencial, capaz de curar e de tornar indemne a novas crises o — « grande doente da America do Sul ».

*d) A fórma de governo e o cumprimento da actual constituição politica.*— Era tão oppressiva, tão suffocante, a centralização monarchica em nosso país, que, extincto o imperio e adoptada uma fórma de governo diametralmente opposta, ficámos offuscados e entontecidos, á semelhança de um individuo agrilhado por longos annos em escuro carcere e que delle saisse de repente, tropego, para a ampla liberdade da vida e para o largo fulgor do sol.

Com effeito, em radical antagonismo com todo o nosso passado, a republica federativa presidencial veiu possibilitar o mais completo elasterio a todos os elementos fundamentaes da nação. Permite ella a integra liberdade de movimentos, a despejada expansão de todas as nossas cellulas vitaes, — districtos, municipios, territorios e Estados, — de sorte que, sem a menor compressão e apenas mantidas cohesas pela potencialidade cerebral, — a União, que lhes orienta as funcções, realizem a symbiose social, que é a sua finalidade.

Mas, para que essa missão harmoniosa se effectue e se lhe não desvirtue o escopo fundamental, — é imprescindível que se não viole, nem jamais se afaste da sua rectilínea directriz, a nossa lei das leis.

Não nutro a menor duvida de que a carta de 24 de feveiro póde, si convenientemente modificada e seriamente executada, extinguir a «omnipotencia do Estado», que do imperio, de que era condição elementar, passou para a Republica, onde é excrescencia e superfecção, e estabelecer, emfim, na caudal de nossa evolução de povo joven, de asas pandas para as mais bellas conquistas e os mais risonhos destinos, o forte «individualismo», o individualismo energico, o individualismo creador, que fez a grandeza dos Estados Unidos da America do Norte e que está começando a assentar em bases inderrocaveis a prosperidade da Argentina, cujas condições mesologicas, entretanto, pareciam conciliar-se melhor com o unitarismo.

Compreende-se bem que se mantivesse a monarchia, com a sua ferrenha centralização, em meio da mais crassa incultura do povo que lhe supportava o jugo. Mas não se comprehende como alcance a Republica o seu elevado objectivo, sem que eduque, até ás mais intimas fibras, cada componente plastico da actividade do seu conjuncto.

Sejam quaes forem os erros das administrações que se succederam no poder desde 1889 até hoje, — são inegalaveis os beneficios e os progressos que nos trouxe a actual organização politica. Em primeira linha, figura a confraternização com as demais nações sul-americanas, sobretudo as da bacia do Prata, inimizadas comnosco, outróra, além de outras causas, pela differença de fórma de governo e pelas constantes interferencias da dynastia

de Bragança em suas frequentes contendas civis. Hoje, é uma realidade fulgente a nossa união, a nossa solidariedade com os nossos confrateiros e irmãos de origem espanhola. A isso cumpre acceder a delimitação das nossas linhas divisorias, que o imperio nos deixára em protelados e complexos litigios, todos com rara felicidade resolvidos pelos estadistas da Republica. E, não citando os innumerables melhoramentos materiaes, que ora se ostentam por toda a extensão do nosso sólo, — dócas, vias-ferreas, novas cidades, como Bello-Horizonte e as que vão surgindo no Acre, e capitaes vetustas transformadas e rejuvenescidas, como esta incomparavel Guanabara, — só as franquias permittidas aos sub-organismos da nação pelo actual estatuto politico, e que eram inconciliaveis com os angustos moldes seculares da coroa bragantina, bastaram a tornar-nos amada e intangivel a fórma republicana federativa presidencial.

Embora o novo regimen não tenha ainda realizado todas as suas promessas e attingido aos seus fins essenciaes, — a volta ao compressor systema dynastico, deruido pela revolução de 15 de novembro de 1889, não seria apenas uma retrogradação funesta: seria, acima de tudo, uma loucura incrivel e um crime inqualificavel.

---







## IV

### O ideal da mocidade e o porvir da patria brasileira

O ideal que me acalenta a alma desde annos muito em flor, ao qual tenho consagrado quatro lustros de indefessa actividade mental, na cathedra de professor, na tribuna das conferencias e das concições, nas columnas da imprensa e em alguns obscuros, mas sinceros e conscienciosos opusculos, o ideal que ainda hoje acaloradamente prégio aos meus jovens compatricios, — é o do *Brasil brasileiro*.

Não que eu deseje, como os revolucionarios pernambucanos de 1817, que repillamos as conquistas do progresso cuja marca fôr estrangeira, e usemos sómente o chapéu de palha, o algodão, a farinha de pau, em vez do pão de trigo, da casemira e do feltro de procedencia européa, ou, a exemplo dos próceres da independencia, adoptemos cognomes tucicos, em lugar dos appellidos dos nossos avôs de além-mar. Nada disso. Podemos exornar-nos com as modas elegantes de Paris, receber manufacturas, livros e objectos de arte de todas as terras cultas. Mas é mistér fazermos tudo isso sem desnaturar a alma nacional, sem adulterar o character fundamental da nossa raça.

Nada nos tem sido mais funesto, nada tem concorrido tanto para os males do presente, como a nossa incorrigível *mimétomania*.

Até certo ponto, somos perfeitamente comparáveis áquelles *babús* de que fala Alberto Salles, quando, ao apreciar os habitantes do Indústão, longa, mas inutilmente repassados pelo ensino inglês, os definiu como individuos « em cujos espiritos se encontram, em lucta constante, as tendencias hereditarias da raça, os caracteres psychologicos ancestraes, fixos e irreductiveis, e as idéias e noções da moderna civilização européa, colhidas nos livros, mas nunca assimiladas ».

Eça de Queirós, estudando numa carta de Fradique Mendes a Eduardo Prado, inserta nas « Ultimas paginas », o *status* social da nossa Patria, obtemperou: — « . . . o que eu quereria é que o Brasil, desembaraçado do ouro immoral e do seu d. João VI, se installasse nos seus vastos campos, e ahi quietamente deixasse que, dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração della, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, idéias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ethica, uma philosophia, toda uma civilização harmonica e propria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, ás modas, aos habitos importados da Europa. O que eu quereria (e o que constituiria uma força util no universo) era um Brasil natural, espontaneo, genuino, um Brasil nacional, brasileiro, e não esse Brasil que eu vi, feito com velhos pedaços da Europa, levados pelo paquete e arrumados á pressa, como pannos de feira, entre uma natureza incongenere, que lhes faz resaltar mais o bolor e as nodoas ». E, mais adiante, depois de ferretoar, como elle sabia fazer tão á justa, a nossa mania caracteristica, accrescentava: —

« São esses doutores, brasileiros de nacionalidade, mas não de nacionalismo, que cada dia mais desnacionalizam o Brasil e lhe matam a originalidade nativa, com a teima doutoral de moralmente e materialmente o enfardelarem numa fatiota européa, feita de francesismo, com remendos de vago inglesismo e de vago germanismo ».

Ora, o vigoroso estilista luso assim nos descrevia ainda durante o imperio. Si elle traçasse aquelle quadro de incisiva observação psychologica alguns annos depois, houvera de gastar mais tinta com um accrescimo essencial, — pois por cima da farpella bastarda, composta de ouropéis exóticos, puzemos o manto de uma vistosa e puramente ornamental *magna-charta*, importada da grande Republica norte-americana.

De que, emtanto, nos valeu essa aureola refulgente da nossa transfiguração politica, si, debaixo della, continuaram a pullular os microbios deleterios dos peiores séstros da monarchia, da qual sómente não quizemos proseguir na compostura solenne e nos dotes de inatacavel probidade de muitos dos seus estadistas?

Note-se que o mesmo já se havia dado com o *habeas-corpus* e o jury, que importamos da Inglaterra, — instituições tão antigas e tão uteis alli á liberdade dos cidadãos, e tão ludibriadas e degradadas aqui, pela falta de cultura do nosso povo.

Longe de mim, srs., o condemnar a imitação do que alheios povos crearam de prestadio e adaptavel ao nosso meio e á nossa organização social. Mas a falha que singulariza o nosso consuetudinario *mimetismo* é que elle não póde deixar de ser *unilateral*. Assim, nós nos enganámos com a constituição norte-americana, sem que houvessemos ao mesmo tempo, por incapacidade radical, yankeezado os nossos costumes. Deviamos, ao menos,

para ser coherentes em alguma coisa, imitar a grande Republica no entranhado culto da escola, que é a base indestructivel da sua colossal prosperidade. Deviamos tambem imital-a na iniciativa e no arrojo, que estão em latencia no amago de nossa raça, como patentearam outróra os bandeirantes.

Penso, entretanto, que é mais infeliz o homem, cujo corpo, cancerado de chagas inextirpaveis, anda coberto de purpuras e arminhos, do que aquelle que exhibe andrajos, mas traz ao menos em hygidez a sua existencia physio-psychica. Penso, mais, que a felicidade consiste em fruir o homem o bem-estar que proporcionam a saúde e a cultura do espirito e em adaptar-se ás condições do seu meio material e do seu ambiente moral, melhorando-se e melhorando-as.

Não me deixo, portanto, fascinar pelos arautos charlatanesços da *yankeemania*. E' justo, é natural que aspiremos a um grande progresso industrial, a um grande enriquecimento. Mas oxalá possamos adquirir um dia tudo isso, sem prejuizo da nossa resplendencia intellectual, da nossa magnanimidade affectiva, e, principalmente, sem perdermos a feição propria da nossa nacionalidade, a consciencia sagrada da nossa latinidade !

Parece que esta nossa *crise de puberdade*, de que é concausa a crise tragica e demencial de *involução senil* da Europa conflagrada, vae concorrer para operar no organismo brasileiro a transformação a que o predeterminam os antecedentes historicos. Suscitando os cuidados do patriotismo, provocando vaticinios apaixonados e passando forçosamente desse subjectivismo augural ao objectivismo necessario, — ha de o Brasil fixar definitivamente a sua personalidade no concerto americano e universal, luctando com o seu proprio passado, consoante

com a imagem bellissima do autor dos «Motivos de Proteo»,— «não qual se apartam da terra o fumo fugaz ou a pluma e a folha, mais leves que o vento, mas á semelhança da arvore que se distancia de sua raiz, á medida que cresce, e vae como que concebendo e bosquejando a idéia da fronte florida, que ha de ser sua obra e sua cuspide».

\* \* \*

Do tratamento que preconizo faz parte,—nem puda deixar de ser assim, attento o progresso hodierno da psychotherapia,—a mais constante e alcandorada suggestão.

Consiste ella em incrustarmos dia a dia, na alma da infancia e no coração da mocidade, o culto excelso da Patria e a confiança inabalavel nos nossos destinos, no nosso ridentissimo porvir.

Nada ha mais funesto a um doente grave, qual é presentemente o nosso país, do que o reconhecimento exclusivo do seu serio mal e o exclusivo chocalhar do seu desalento.

As nações progressivas e victoriosas são sempre egolatricas.

Assim como um pintor habil disfarça na téla os defeitos dos entes que nos são caros e até lhes aformoseia os traços, para que do contemplal-os nos resultem sómente emoções altanadas, affectos sublimes,—assim tambem é mistér que apresentemos sempre ás creanças e aos adolescentes a imagem da nossa mãe-commum isenta de jaças e alindada pelo nosso carinho e pelo nosso amor.

E' imprescindivel que em cada escola, em cada officina, em cada choupana, em cada palacio,—a imagem

de uma Patria feliz, gloriosa e bella, esteja ómnipresente e se integre na consciencia da infancia e da mocidade como um elemento do seu proprio ser, como um dever idolatrico de toda a collectividade.

Urge que lhes cantemos e enalteçamos, na prosa e no verso, as nossas arvores, as nossas flores, o nosso passaredo, as nossas montanhas, as nossas campinas, os nossos mares, os nossos rios, as nossas catadupas, os nossos astros, o nosso firmamento, e, sobretudo, as nossas tradições, para que as creanças e os jovens, em cada pedaço de terra e em cada nesga de céu, em cada pipillo de ave e em cada scintillar de estrella, em cada escachoar de vaga e em cada sorriso de mulher, — vejam substancias da sua propria vida, partes integrantes da sua felicidade planetaria, accórdes da harmonia suprema da sua existencia, reflexos da sua propria alma, palpitações do seu proprio coração.

Só assim poderão elles marchar ovantes e tranquilllos, confiantes e alegres, exercendo o papel, na soberba phrase de Rodó, — «essencialmente activo, de renovação e de conquista, proprio para acrisolar as forças de uma geração heroicamente dotada», — pois que, conforme pondera Taine, «não é a posse de bens, mas a sua aquisição, o que dá aos homens o prazer e o sentimento de sua força».

Só assim a esperançosa geração, que agora desponta, marchará galharda para o porvir, que é, na scintillante expressão do autor de «Ariel», — «o pensamento idealizador por excellencia, na vida das sociedades humanas. Da veneração piedosa do passado, do culto da tradição, por um lado, e, por outro, do atrevido impulso para o futuro, é que se compõe a nobre força que, levantando o espirito colectivo sobre as limitações do presente,

communica ás agitações e aos sentimentos sociaes um sentido ideal. Homens e povos trabalham, no conceito de Fouillée, sob a inspiração das idéias, como os irracionaes, sob a impulsão dos instinctos; e a sociedade que lucha e se esforça, ás vezes sem que o saiba, por impôr uma idéia á realidade, imita, segundo o mesmo pensador, a obra instinctiva do passaro que, ao construir o ninho sob o imperio de uma imagem que o domina, obedece simultaneamente a uma lembrança inconsciente do passado e a um presentimento mysterioso do porvir ».

Dirigindo-se, no seu formoso livrinho, que ha pouco vos citei, á juventude americana, á qual o dedicou, assim disse o sympathico philosopho uruguayo:

— « Cabe ao espirito juvenil a iniciativa audaz, a genialidade innovadora. Talvez universalmente, hoje, a acção e a influencia da mocidade são, na marcha das sociedades humanas, menos effectivas e intensas do que deviam ser. Gaston Deschamps o fazia notar em França, ainda ha pouco, commentando a iniciação tardia das gerações novas na vida publica e na cultura daquelle povo e a escassa originalidade com que contribuem ellas para o sulco das idéias dominantes. As minhas impressões do presente da America, dando-lhes um caracter geral, apesar do doloroso insulamento em que vivem os povos que a compoem, justificariam accaso uma observação semelhante. Entretanto, creio ver externada em toda parte a necessidade de uma activa revelação de forças novas; creio que a America necessita grandemente de sua juventude. Eis ahi porque vos falo. Eis ahi porque me interessa extraordinariamente a orientação moral do vosso espirito. Oxalá a energia de vossa palavra e o vosso exemplo possam chegar ao ponto de incorporar as forças vivas do passado na obra do futuro !

Penso, como Michelet, que o verdadeiro conceito da educação não abarca sómente a cultura do espirito dos filhos pela experiencia dos paes, porém egualmente, e, com frequencia, muito mais, a cultura do espirito dos paes pela inspiração innovadora dos filhos ».

\* \* \*

Applicando aos meus jovens compatriotas, dispostos sempre a todas as audacias magnanimas, as palavras, resplendentes de verdade, do autor de « Ariel », eu lhes direi tambem:

— « Creio na vossa vontade, creio no vosso esforço; e, mais ainda, creio na vontade e no esforço daquelles a quem dareis a vida e transmittireis a vossa obra », — isto é, creio na salvação da nossa terra, creio no grandioso futuro da Patria Brasileira !









